

Nathalie Ventura

O que vive sob a atmosfera

Dos primeiros humanos a habitar a Terra aos grandes impérios e civilizações, dos seres unicelulares a todos os mamíferos dos quais um dia ouvimos falar, o palco disso tudo onde acontece a vida é apenas uma fina camada frágil de poucos quilômetros de espessura, entre o fundo dos oceanos e a copa das árvores, onde ocorrem interações complexas entre rochas, solo, água, ar e organismos vivos que determinam a disponibilidade de recursos essenciais à vida. Quer dizer, não vivemos em uma grande esfera maciça e indestrutível, mas no que ficou conhecido como Zona Crítica.

Por muito tempo, passaram despercebidas as reações da Terra às ações humanas, mas hoje as ondas de calor que assombram o nosso dia a dia deixam evidentes as respostas que estamos recebendo. "Colapso ecológico" e "mudanças climáticas" passaram a ser noções empregadas com mais frequência nesta nova época geológica chamada Antropoceno, que encerra o período dos últimos 12 mil anos de uma relativa estabilidade do clima. Contudo, enquanto a ameaça às nossas condições coletivas de existência é evidente, o planeta é indiferente a nós¹ e continuará muito depois que tivermos desaparecido.

Grande parte dos motivos que nos trouxeram ao cenário atual certamente seria encontrada ao nos debruçarmos sobre os últimos 70 anos, período em que as curvas de crescimento de diversos indicadores como o CO₂ na atmosfera ou a produção e consumo de produtos industriais em escala planetária se acentuaram com uma magnitude e uma velocidade nunca antes vista. Mas podemos voltar ainda para os últimos dois séculos, quando a Revolução Industrial mudou drasticamente o rumo dessa história. Talvez ainda pudéssemos dizer que o que vivemos hoje está intimamente relacionado com uma linha divisória que separa "nós" e "eles", as ordens antropológicas e cosmológicas, cultura e natureza: uma herança moderna que há cinco séculos se perpetua. Ignorando os limites planetários, os modernos mudaram dinâmicas cruciais ao funcionamento do clima, achando que jamais perderiam o controle sobre como a Terra reagiria.

Havia um tempo em que não era estranho aos humanos sentir que eram como todos os outros animais ao seu redor. Foi a partir do desenvolvimento

de linguagens, crenças e religiões, e da criação de realidades imaginárias coletivas, que os humanos ganharam poder e foram para o topo da cadeia alimentar, há 70 mil anos, no que ficou conhecido por Revolução Cognitiva. Milênios atrás os humanos já tinham sido capazes de causar duas grandes extinções de seres vivos, primeiro com a dispersão dos coletores e caçadores por novos territórios, e depois com a Revolução Agrícola. Passando de nômades para sedentários, começaram a trabalhar mais horas no campo, a se preocupar com o futuro e a acumular. Das vilas vieram as cidades, e mais tarde, as cidades industriais. Acontece que essa tal cidade como a conhecemos, enquanto "*habitat* por excelência dos Modernos", é "muito mais do que uma configuração espacial específica, é uma relação de determinados humanos com o mundo"². Sob o mito do suprimento ilimitado de energia e recursos e da natureza "lá fora" e infinita, iniciou-se com a industrialização uma conjuntura ainda vigente chamada modernidade do carbono³. Seria possível dar fim a essa modernidade e mudar drasticamente as relações dos humanos-urbanos nas cidade para iniciar algo novo?

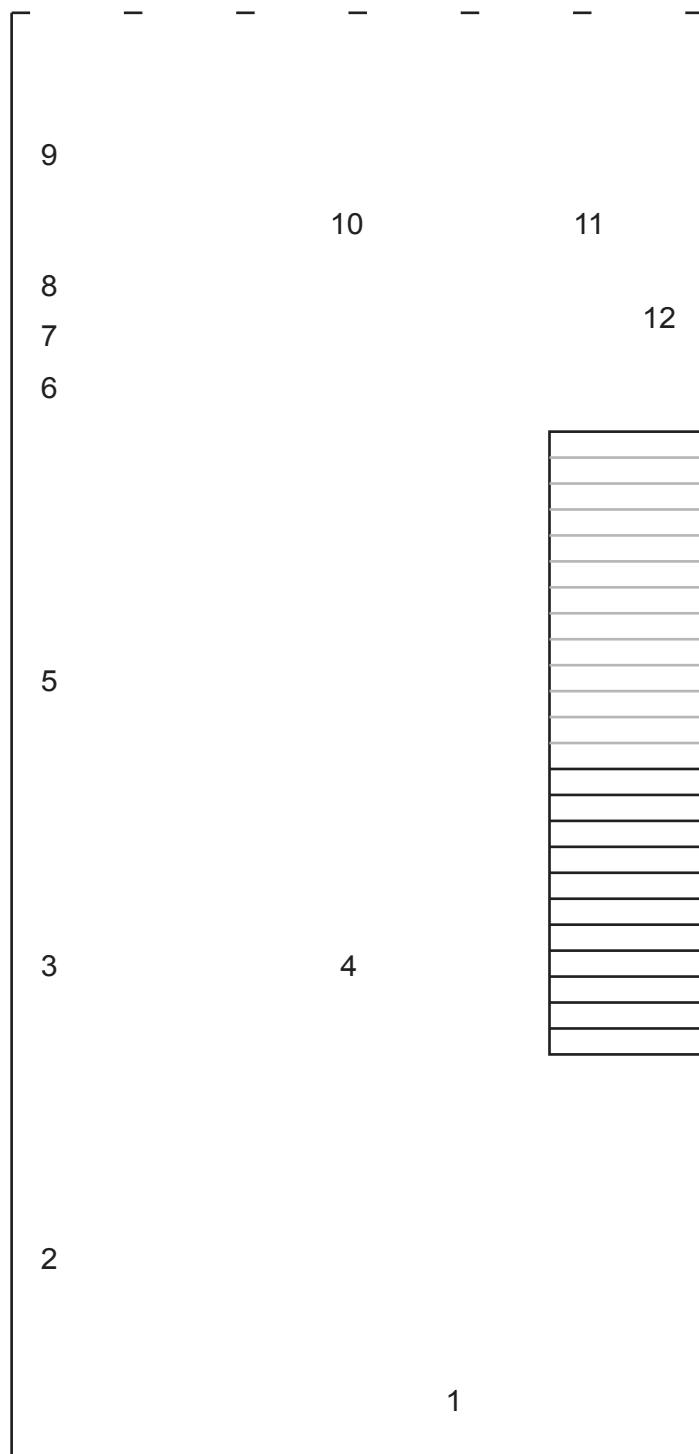
Se os humanos nos últimos 70 mil anos foram capazes de se agrupar entre pessoas desconhecidas, cooperando em larga escala, convencendo uns aos outros a crer em narrativas sobre deuses, nações ou mercado financeiro, demonstrando portanto serem perfeitamente capazes de compreender o efeito estufa ou a acidificação dos oceanos, o que precisamos para encarar o que está diante de nós? Possivelmente, descer do palco da História.

Enxergar outras realidades, reconhecer os múltiplos agenciamentos e instaurar outros modos de vida é vital. Talvez sem precisar virar tudo de cabeça para baixo de um dia para o outro, mas utilizando as ferramentas que temos a fim de imaginar o diferente, reconectar elementos heterogêneos, repensar nossas crenças e mitos para sermos capazes de cooperar, ainda que de formas distintas, buscando um terreno comum entre seres humanos e outros-que-humanos.

[1] Ver: CHAKRABARTY, Dipesh. The planet: an emerging humanist category. *Critical Inquiry* 46, no. 1. The University of Chicago Press, 2019.

[2] CANÇADO, Wellington. Sob o pavimento, a floresta: cidade e cosmopolítica, 2019, p.29.

[3] Ver: ITURBE, Elisa. Architecture and the death of carbon modernity. In: DAVIDSON, C., ITURBE, E. (Eds). *Log 47: Overcoming carbon form*. Anyone Corporation, 2019.



- 1 **Nunca teremos as mesmas histórias, 2021**
Galho com espinho, madeira processada e prego
112 x 6 x 7cm
- 2 **Seres da Terra, 2023**
Pigmento sobre papel algodão Hahnemühle
300g/m²
56 x 19cm cada
- 3 **Lembranças de que existimos, 2022-2023**
Malha de aço e galho
180 x 400 x 102cm
- 4 **Encontro dos mundos, 2021-2023**
Tronco de madeira, arame e pedra
76 x 16 x 18cm
- 5 **Rios que correm entre pedras, 2023**
Malha de alumínio e pedra de rio
220 x 134 x 4cm
- 6 **Tinha um rio debaixo da cidade I, 2023**
Malha de aço e pedra de rio
28 x 32 x 6cm
- 7 **Rios VI, 2023**
Técnica mista sobre papel algodão Hahnemühle
300g/m²
20 x 19cm
- 8 **O terreno e o sagrado, 2023**
Tijolo de cimento e selenita
110 x 19 x 19cm
- 9 **O sol e o horizonte, 2021-2023**
Malha de aço
100 x 100 x 8cm
- 10 **Dicionário da espiritualidade, 2023**
Chapa de alumínio, pedra, malha de aço, folha seca, livro, cimento e Pequenos Habitantes
20 x 360 x 90cm
- 11 **Contrapeso, 2023**
Bambu, terra, tijolo e fio de aço
197 x 270 x 140cm
- 12 **Tinha um rio debaixo da cidade II, 2023**
Malha de aço e pedra de rio
48 x 28 x 8cm